

DOI: 10.12957/palimpsesto.2019.44706

# O CONTEXTO COMO AGENTE CONTRIBUIDOR PARA A SIGNIFICAÇÃO DE VERBOS E PARA O ENSINO E A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA

**Flávia de Oliveira Maia-Pires**

Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB)

fmaiap@gmail.com

**RESUMO**

Este artigo está no âmbito da Lexicologia e da Semântica, tendo como objeto de estudo a categoria verbo da língua portuguesa. Sua finalidade é demonstrar o papel do contexto como agente contribuidor para a significação dos verbos que apresentam mais de um significado. Conceitos da Gramática Discursivo Funcional (GDF) e dados coletados de jornais e revistas auxiliaram na confirmação da atuação do contexto para se depreenderem os significados. Os conceitos de componente conceitual e de componente contextual são destacados por sua inter-relação com o componente gramatical, no âmbito da GDF, seguindo uma organização hierárquica, a *top down*. A metodologia é de natureza qualitativa e o método descritivo foi adotado para que os fatos de língua fossem coletados, analisados e registrados. Considerou-se também os atributos do verbo, com ênfase em sua tipologia semântica e sintática. Assim, apresenta-se uma colaboração para o ensino e a aprendizagem dos verbos.

**Palavras-chave:** pressuposição; linguística experimental; semântica; pragmática.

**ABSTRACT**

This article is within the scope of Lexicology and Semantics, having as object of study the verb category of the Portuguese language. The purpose is to demonstrate the role of the context as a contributing agent for the meaning of verbs that have more than one meaning. Concepts of Functional Discursive Grammar (GDF) and data collected from newspapers and magazines helped confirm the performance of the context in order to understand the meanings. The concepts of conceptual and contextual components are highlighted by their interrelation with the grammatical component, within the scope of GDF, following a hierarchical organization, the top down. The methodology has qualitative nature and the descriptive method was adopted so that the facts of language were collected, analyzed and recorded. The attributes of the verb were also considered, with emphasis on its semantic and syntactic typology. Thus, there is a collaboration for the teaching and learning of verbs.

**Keywords:** presupposition; experimental linguistic; semantics; pragmatics.

## Introdução

Durante o processo de aprendizagem de uma língua, percebe-se que a avaliação de parte do que foi aprendido ocorre nas interações comunicativas. Nelas são identificados três tipos de enunciados: os bem construídos, os que precisam de reformulações e os descontextualizados. O conhecimento linguístico é testado em casos reais, que exige a participação do aprendiz, ora como produtor, ora como destinatário do enunciado. Essa percepção respalda-se na concepção de que “language is in the first place conceptualized as an instrument of social interaction among human beings, used with the intention of establishing communicative relationships” (DIK, 1997, p. 3). Desse modo, a aprendizagem de língua visa ao propósito de suprir uma das necessidades dos seres humanos: a de relacionar-se com o mundo. Na interação, enunciados são construídos para transmitir as intenções comunicativas entre os participantes do evento interativo, que ocorre dentro de contextos específicos. Isso acontece porque a produção e o entendimento de enunciados não ocorrem em um vazio, ou seja, os enunciados são produzidos em contextos comunicativos.

Assim sendo, o presente trabalho, recorte de uma pesquisa maior, realizada em 2015, no âmbito da Lexicologia e da Semântica, expõe as contribuições do contexto situacional na produção e na compreensão do significado de itens lexicais que se apresentam em enunciados encontrados em textos orais e escritos, principalmente os itens que se enquadram na classe de verbos da língua portuguesa. Destaca-se ainda a relevância de se incluir o contexto situacional no ensino e na aprendizagem da língua portuguesa para se obter resultados eficientes no ensino e na aprendizagem dos conceitos em volta dos verbos e da gramática da língua.

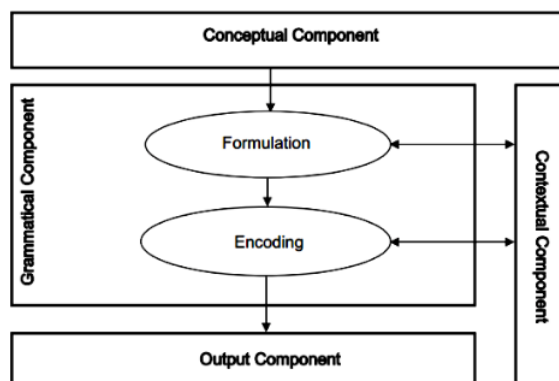
DOI: 10.12957/palimpsesto.2019.44706

## 1. A Gramática Discursivo-Funcional e as relações com o contexto

As informações contextuais são relevantes nas interações comunicativas. A Gramática Discursiva Funcional – GDF – admite a importância do componente contextual na produção dos enunciados, pois “the Contextual Component contains a description of the content and form of the preceding discourse, of the actual perceivable setting in which the speech event takes place, and of the social relationships between Participants” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 8). Para os autores do modelo, este componente contém dois tipos de informações: i) informação imediata (*short-term information*), recebida do componente gramatical concernente a um enunciado específico, que é relevante para a forma dos enunciados subsequentes; e ii) informação de longo prazo (*long-term information*), que diz respeito à interação em andamento, relevante para as distinções que são requisitadas pela língua em uso e que interferem na formulação e na codificação dessa língua (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 9-10).

Os contextos fornecem informações conceituais e físicas que cooperam para a construção do significado e da gramaticalização dos enunciados, conforme a figura da teoria da GDF reproduzida a seguir:

Figura 1 – Teoria da GDF



Fonte: HENGEVELD & MACKENZIE, 2010, p. 2.

Em vista disso, o componente contextual contém informações que influenciam o funcionamento do componente gramatical, porque apresenta aspectos que são considerados nas etapas de formulação e de codificação, como o gênero das palavras e o número dos participantes. Os enunciados em língua portuguesa retirados de uma reportagem disponível no *site* do jornal *O Globo* exemplificam a atuação do componente contextual:

Figura 2 – Atuação de componente textual

A imagem mostra a interface do jornal O Globo com uma reportagem. O cabeçalho contém o logo "O GLOBO RIO" e um campo de busca "BUSCAR". A imagem principal retrata uma praia movimentada em Ipanema, Rio de Janeiro, com o Pão de Açúcar ao fundo. Abaixo da imagem, há um texto de introdução e um trecho de uma entrevista.

Domingo de sol agrada banhistas Foto: Gabriel de Paiva / Agência O Globo

A suíça [nome redigido], que atualmente mora com brasileiros no Catete, adiou a sua volta com o objetivo de aprender português. Ela não esconde a sua paixão pela praia de Ipanema e a elegeu como o seu programa favorito no Rio:

- Esse é o melhor lugar da cidade. O mar está frio, mas refrescante. O tempo está maravilhoso - diz Meyes, que volta para Suíça em meados de setembro.

Fonte: Jornal *O Globo*.

**DOI: 10.12957/palimpsesto.2019.44706**

No trecho: “A **suíça** [...], que atualmente mora com brasileiros no Catete, *adiou* a sua volta com o objetivo de aprender português. **Ela** não esconde a sua paixão pela praia de Ipanema e a elegeu como o seu programa favorito no Rio [...]”, as informações quanto ao gênero (feminino) e ao número (singular) foram evocadas. Portanto, o componente contextual contribui com o componente gramatical na composição dos enunciados. Estabeleceu-se, também, relações anafóricas, como a vinculação e a ordem entre o pronome “ela” e seu referente, “suíça”. Além disso, as informações de número, pessoa, tempo e modo são apreendidas do contexto situacional e relevantes para a representação verbal dos lexemas “morar”, “adiar”, “esconder”, “eleger”. Dessa forma, essas informações serão acessadas nas operações de formação e de codificação.

Os elementos extralinguísticos, relacionados ao contexto situacional em que a interação entre os participantes discursivos ocorre, são relevantes para a construção dos significados. Esses elementos são descritos pelos itens lexicais “Ipanema”, praia localizada no Rio de Janeiro; “domingo”, primeiro dia da semana, considerado dia de descanso e de lazer na cultura brasileira e “dia ensolarado”, tempo propício e comum para os cariocas irem à praia. O fato de a suíça estar na praia dando entrevista, emitindo sua opinião sobre o dia ensolarado e a praia de Ipanema a um jornalista, também atua nas operações de formulação e codificação em conjunto com os elementos já citados. Entretanto, como apontam Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 9), a GDF não desenvolve o componente contextual de modo mais profundo. Porém, por ser um componente crucial na análise de língua, outros pesquisadores como Connolly (2007) e Cornish (2009) desenvolveram estudos sobre o componente contextual.

Segundo Connolly (2007, p. 13), uma explicação explícita da inter-relação entre língua e contexto de modo substancial é possível quando o contexto for abordado como



**Flávia de Oliveira Maia-Pires**

nível de descrição, em que esse componente é definido como qualquer parte circundante a um discurso, sendo relevante para sua produção e interpretação. O autor destaca que é essencial restringir o que é relevante para contexto, pois, se incluíssemos todas as partes circundantes, seria completamente difícil analisá-lo dentro de um modelo. Ademais, a avaliação do que é considerado relevante depende do analista, por isso o contexto não é um fenômeno objetivo, e sim um constructo analítico. Assim sendo, Connolly (2007, p. 14), ao considerar que o contexto é dinâmico e que está em constante mudança, à medida que o discurso progride, propõe categorizações para o componente contextual. O pesquisador aponta para o fato de que não se pode ignorar a natureza multimodal do discurso, graças à tecnologia da informação e à onipresença da multimídia no mundo contemporâneo. Em vista disso, Connolly (2007, p. 14) descreve as seguintes dicotomias: i) contexto discursivo vs contexto situacional; ii) contexto físico vs contexto sociocultural; iii) contexto restrito vs contexto amplo e vi) contexto mental vs contexto “extramental”.

Contexto situacional corresponde à parte do contexto que está fora do discurso. Pode ser dividido em ‘contexto físico’ e ‘contexto sociocultural’. O contexto físico é fornecido pelo universo material e inclui fatores como tempo e espaço. O contexto sociocultural é fornecido pelo universo não material, que engloba a organização social e as normas de pensamento e de comportamento da comunidade de fala. Ainda quanto à arquitetura do componente contextual, há uma subdivisão aplicada tanto ao contexto físico quanto ao contexto sociocultural, denominado de “restrito” e “amplo”. O contexto físico restrito pode ser chamado de “cenário” (*setting*) e o contexto sociocultural restrito pode ser chamado de “cena” (*scene*), terminologia criada por Hymes (1972, p. 60). Observa-se que em um mesmo ‘cenário’ podem ocorrer diferentes ‘cenas’, como as manchetes retiradas de sites de jornais, apresentadas na sequência, podem demonstrar:

DOI: 10.12957/palimpsesto.2019.44706

Figura 3 – Manchete do *Correio Braziliense*Fonte: Jornal *Correio Braziliense*.

A manchete acima é um exemplo da realidade brasileira, em que a Esplanada dos Ministérios (cenário), além de ser local de trabalho, pode ser palco para manifestações políticas em outras ocasiões.

Figura 4 – Manchete do *Metrópoles*Fonte: Jornal *Metrôpoles* – DF.

Ou, conforme a manchete retirada do *Jornal Metrôpoles*, o mesmo espaço (cenário) pode ser também palco para festividades comemorativas (cenas) e eventos socioculturais distintos.

O contexto situacional amplo corresponde às informações fornecidas pelo universo físico e social fora do contexto imediato. O contexto sociocultural amplo

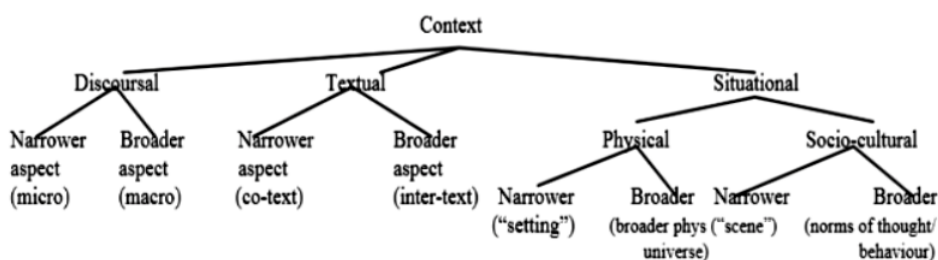
Flávia de Oliveira Maia-Pires

corresponde às informações relacionadas à organização social de modo global e às normas de pensamento e de comportamento.

O contexto discursivo equivale ao discurso multimodal circundante, incluindo os aspectos linguísticos e não linguísticos. Assim, Connolly (2007) designa o termo “contexto linguístico” como um subconjunto do contexto discursivo. O contexto discursivo contém subcategorias quanto aos aspectos restritos e amplos. O contexto discursivo restrito é equivalente ao “(co)texto”, ou seja, o contexto textual circundante ao fragmento discursivo a ser analisado ou entendido; e o contexto discursivo amplo diz respeito ao “intertexto” (referência ou alusões a outros textos).

Em vista do que foi exposto até aqui, observa-se que o contexto tem uma estrutura hierárquica multidimensional. Conseqüentemente, é possível identificar os níveis hierárquicos do componente contextual, considerando também os aspectos sobre gêneros discursivos, pois, segundo Connolly (2007, p. 18), dependendo do tipo discursivo, identificam-se diferenças relevantes nos eventos comunicativos. Nesse sentido, segue abaixo a arquitetura do componente contextual concebida por Connolly (2007) delineada por Cornish (2009):

Figura 5 – Arquitetura do componente contextual segundo Connolly (2007)



Fonte: CORNISH, 2009, p. 107.



**DOI: 10.12957/palimpsesto.2019.44706**

Com base na estrutura acima, Cornish (2009, p. 107) destaca que as três grandes vertentes de “contexto” não estão no mesmo nível, atribuindo o contexto situacional à posição fundamental, pois, sem o contexto situacional, não há nem texto, nem discurso. Pressupõe-se que o “texto” foi produzido por um falante com um destinatário em potencial, contando com objeções, correções, sinais de aprovação, etc. Isso evoca um contexto relevante, como ocorre na interação verbal, em que os participantes envolvidos possuem informações pragmáticas, por parte do falante e do destinatário, suficientes para estabelecerem uma comunicação. Desse modo, faz-se necessário recorrer às informações contidas no contexto situacional, como agente que contribui para a produção e para a compreensão de significados dos itens lexicais evocados pelos eventos comunicativos, pois fornecem elementos que influenciam nas etapas de formulação e de codificação, utilizados no componente gramatical. Essas evidências que ocorrem no discurso deveriam ser observadas pelos professores ao orientarem os estudantes a depreenderem e produzirem textos, uma vez que esses elementos afetarão a significação dos enunciados envolvidos no evento comunicativo. Os materiais didáticos poderiam explorar primeiramente o cenário, a cena, as personagens, a época e os aspectos socioculturais envolvidos para a depreensão e produção de enunciados, destacando o verbo e, na sequência, a gramaticalização dos itens lexicais.

No que tange ao conceito de texto, afirma-se que este é concebido como uma sequência de signos verbais e sinais não verbais conectados; à medida que discurso é “co-construído” pelos participantes do discurso no ato de comunicação. Assim, são invocados os elementos relevantes tanto para o **falante** quanto para o **destinatário**.

Desse modo, Cornish (2009) organiza o componente contextual com base na perspectiva do destinatário, em que o falante exige a inversão do nível “textual” e do

**Flávia de Oliveira Maia-Pires**

nível do “discurso”, ao incluir o fato da co-construção do discurso pelos participantes. Destaca-se que na construção do texto devem ser observadas duas perspectivas: por um lado, do ponto de vista de quem fala – o discurso é criado tanto em termos de suas intenções comunicativas, quanto em função do *feedback* do destinatário –; por outro lado, da perspectiva do destinatário – o discurso é construído por meio dos *inputs* procedentes do “texto” e do “contexto”. Portanto, as textualizações do destinatário em relação ao enunciado do falante originarão um novo discurso, por meio da negociação entre os participantes, demonstrando, assim, de modo simplificado, a inter-relação entre texto, discurso e situação de enunciação como parâmetros contextuais que atuarão no significado dos verbos. Assim, as atividades e os materiais didáticos que consideram os elementos contextuais conduzem o aprendiz de língua a sentidos mais significativos em seus textos e a estabelecerem as relações entre pensamento, contexto situacional e o sistema de organização da língua.

## **2. A semântica do verbo e suas tipologias**

Neste tópico, expõe-se os aspectos sintáticos dos verbos que contam com os aspectos contextuais para que os significados sejam construídos e, assim, demonstrar a conexão entre sintaxe e contexto. A observação de enunciados em contextos distintos demonstra que nem sempre um verbo representa a ação desempenhada por um ser, como por exemplo, nos enunciados abaixo, retirados de uma reportagem no *Jornal Hoje*, disponíveis no site *G1.globo*, sobre o nível de água do Sistema Cantareira que abastece a Grande São Paulo:

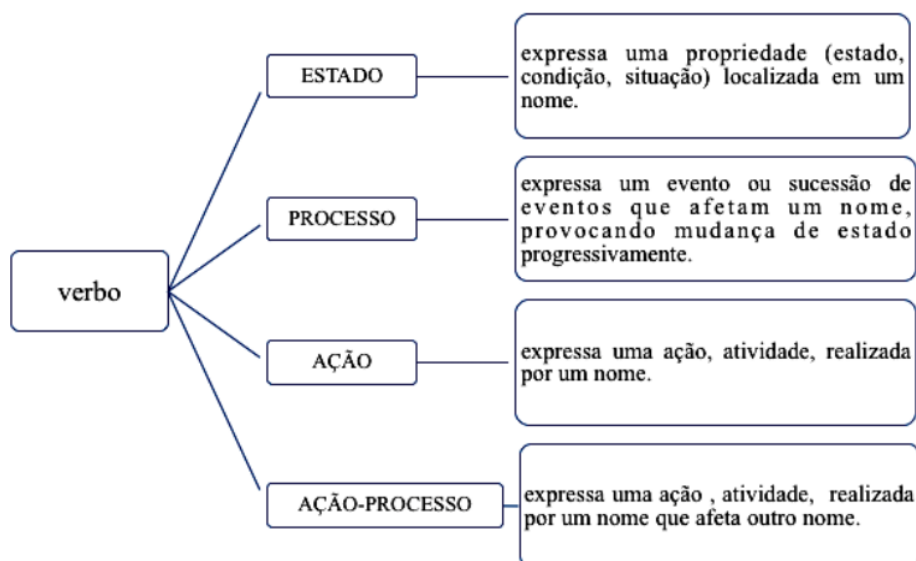
DOI: 10.12957/palimpsesto.2019.44706

- a) As represas **estão** praticamente secas.
- b) A represa **secou**.
- c) Cientistas **estudam** a utilização do volume morto.
- d) A estiagem **secou** a represa.

Seguindo as diretrizes de Chafe (1979) e de Borba (1996 e 2003), verifica-se que em (a) o verbo “estar” especifica um estado ou condição das represas, e não uma ação feita por essa estrutura de contenção de água. Em (b) a situação é outra, percebe-se que o verbo “secar” não descreve um estado, mas sim um evento em que ocorre mudança progressiva de estado ou de condição da represa, especificando um processo. Nos casos registrados em (a) e em (b), os verbos “estar” e “secar” envolvem uma relação entre um nome, “represa”, que é paciente e um estado ou condição.

O verbo do exemplo (c), “estudar”, demonstra não um estado, nem uma mudança de estado, ou seja, um processo, mas uma ação, atividade desempenhada pelo nome, “cientistas”. Nesse caso, o nome que acompanha o verbo é agente. Por essa óptica, observa-se outras características para o verbo no exemplo (d) em relação aos exemplos (a) e (b), pois “secar” – em A estiagem secou a represa – especifica, ao mesmo tempo, tanto uma ação, quanto um processo desempenhados pelo verbo. Isso acontece, pois envolve uma ação feita pelo nome “estiagem”, que no caso é agente, e uma mudança de estado do nome “represa”, que é paciente.

Figura 5 – Sub-categorias verbais



Fonte: MAIA-PIRES, 2015 p. 60.

Essas divergências foram percebidas por Chafe (1979) e Borba (1996 e 2003), os quais registram as subcategorias verbais como representadas na figura 6 acima.

Ressalta-se que a relação verbo-nome (agente e paciente) não é a única que um nome pode manter com um verbo, porém são as que mais desempenham um papel fundamental do que quaisquer outras relações. As variações desses papéis podem estar ligadas, entre outras, aos participantes do enunciado, às intenções comunicativas e às situações em que os eventos comunicativos ocorrem, sendo necessário, assim, as informações provenientes do contexto situacional. De acordo com Chafe (1974, p. 148-172) e Borba (1996, p. 30-31), há outros tipos como:

Genitivo que, por si mesmo, desencadeia uma atividade (física ou não), sendo origem dela e seu controlador.

Experimentador que é o caso de evento psicológico genuíno, que traduz uma experiência ou uma disposição mental.

**DOI: 10.12957/palimpsesto.2019.44706**

Beneficiário que é um afetado cujo complemento expressa algo que passa a existir.

Temporal que indica localização no tempo.

Comitativo que é um afetado que expressa associação, marca o destinatário da posse (simples posse, perda ou ganho de posse).

Objetivo que é a entidade em relação à qual se verifica uma situação, ou seja, o afetado que o verbo indica.

Locativo que marca o lugar.

Instrumental que exprime uma causa indireta tendo como traços básicos a atividade e o fato de ser controlado.

Causativo que provoca um efeito ou o que desencadeia algo, expressa uma atividade ligada a um estímulo.

Meta que expressa o ponto de chegada.

Origem que expressa o ponto de partida.

Resultativo que é um efetuado. Liga-se a verbos (BORBA, 1996, p. 30-31).

Quanto à característica nuclear do verbo, Castilho (2010, p. 397) reconhece a relação verbo-argumento (verbo-nome) do seguinte modo:

I- Predicados agentivos, tais como “X faz Y”.

II- Predicados experienciais, que exprimem propriedades de natureza perceptiva, cognitiva ou estados afetivos, tais como “X sabe/pensa/ama Y”.

III- Predicados possessivos, ou de transferência de posse, tais como “X tem/possui/dá/recebe Y de/a Z”.

IV- Predicados locativos, em que se estabelecem uma relação não dinâmica de localização espacial, tais como “X está em/é de Y”.

V- Predicados causativos, em que um dos argumentos designa a entidade que sofre uma mudança de estado ou de lugar, como “X abre/destrói/sobe Y”.



**Flávia de Oliveira Maia-Pires**

Ao reconhecer o papel dos complementos verbais que compõem os enunciados em relação aos verbos, verifica-se a necessidade de apresentar a tipologia sintática dos verbos relacionada aos nomes que os acompanham para organizar as relações entre esses elementos. Entretanto, variações semânticas de verbos são compreendidas somente quando se incluem os aspectos contextuais em que os enunciados são produzidos, considerando também questões sociais, culturais, além do cenário como será demonstrado no tópico seguinte. Afirma-se, assim, que as questões do componente gramatical não atuam sozinhas, mas se organizam em colaboração com o componente contextual e o componente conceitual, em que esses elementos orquestrados auxiliam a produção e a compreensão dos significados que os verbos podem apresentar, como indicará os próximos exemplos.

### **3. Os verbos segundo as diretrizes conceitual, contextual, semântica e sintática**

Os verbos da língua portuguesa, em contexto de uso dos brasileiros, e os conceitos sobre componente conceitual, componente contextual, tipologia semântica, tipologia sintática relacionam-se com a finalidade de apresentar a contribuição do contexto para a significação dos verbos no ensino e na aprendizagem, como já foi dito. Desse modo, expõem-se alguns enunciados que exemplificam essa relação para a produção e a compreensão de significados de verbos.

e) Segundo o jornal, aos 45 anos e em boa forma, Jennifer **vestiu** um mini-vestido de cor laranja.

DOI: 10.12957/palimpsesto.2019.44706

- f) [No verão], **vista-o** com roupas leves e ofereça bastante líquido a ele.
- g) **Vestir** a camisa do Sampaio já é uma grande motivação.
- h) Ladrões que **roubaram** banco em MT abandonam veículo.
- i) Mulher que **roubou** bebê no RS é internada para tratamento psiquiátrico.

O verbo “vestir”, como regra geral, enquadra-se no contexto de vestimentas e indumentárias, pois se refere à ação-processo, na terminologia de Borba e Chafe, de colocar roupa em alguém ou em si mesmo; ou usar roupas e acessórios para vestir o corpo ou parte do corpo. Nesse sentido, os enunciados (e) e (f) são produzidos e compreendidos em contexto que se refere à moda, às regras de etiqueta, à vestimenta apropriada para cada ocasião e para cada estação do ano. Os conceitos são de moda, estação do ano, regras de etiqueta e eventos sociais; o “cenário” e a “cena” do evento comunicativo são construídos e fornecem elementos para a formulação e a compreensão de enunciados, a partir da perspectiva do falante e do ouvinte. Informações contidas no “cenário”, na “cena” e no conhecimento de mundo dos participantes do evento comunicativo colaboram para a construção e para a compreensão das partes do discurso como “número de pessoa”, “tempo verbal” e o “léxico” pertinente ao contexto.

Entretanto, a criatividade humana permite que, dependendo do contexto situacional, o falante atribua outros significados ao verbo “vestir”, adaptando-o a sua intenção comunicativa, como no exemplo (g) *Vestir a camisa do Sampaio já é uma grande motivação*. Neste caso, “vestir” apresenta significado distinto do de colocar ou usar roupa ou acessórios para vestir o corpo ou parte do corpo. O enunciado é produto das informações extralinguísticas e representa o hábito de jogadores de futebol, em entrevista, demonstrarem perfeito acordo com o time. Assim, o ato de vestir a camisa

**Flávia de Oliveira Maia-Pires**

significa fazer parte da equipe, ter sido contratado para um time com o propósito de beneficiá-lo. Significado semelhante ao contexto de um funcionário de uma empresa que, ao ser contratado, “veste” a camisa da corporação visando ao sucesso desta.

Os aspectos semânticos são percebidos por questões que vão além das informações sintáticas e morfológicas do verbo, por isso, a inclusão de imagens e informações adicionais aos enunciados devem ser incentivadas em atividades e materiais que serão utilizados no processo de ensino e de aprendizagem de língua.

O contexto também se fez relevante na distinção dos significados do verbo “roubar”, ligado ao contexto referente a crime e violência nos enunciados h) e i). O contexto de crime e violência atua como filtro inicial de significado, direcionando os participantes do evento. O componente conceitual e o contextual participam na diferenciação dos significados, pelas informações dos elementos que compõem o “cenário” e a “cena”, em que as características “instituição financeira”, “nome”, “concreto”, “não animado” estabelecem oposição às características “criança recém-nascida ou de poucos meses”, “nome”, “concreto”, “animado”, “humano”. As informações pré-linguísticas de que um bebê recém-nascido não porta dinheiro, mas é um ser humano indefeso, por exemplo, excluem o significado de apropriar-se de bem alheio, mediante violência, ameaça ou fraude. Informações do contexto situacional, que não estão explícitas no enunciado, como o fato de o bebê ser recém-nascido e estar na maternidade, cooperam para o significado de “sequestro” (mulher levou consigo o bebê de modo ilegal).

Como demonstrado, somente o conhecimento sintático da língua portuguesa não é suficiente para questões, como as apresentadas nos parágrafos anteriores, sendo necessário que ele atue em conjunto com o componente conceitual e contextual para

**DOI: 10.12957/palimpsesto.2019.44706**

chegar também ao conhecimento semântico. Um enunciado, como “*Mulher que roubou homem no RS*”, com estrutura sintática semelhante ao enunciado “*Mulher que roubou bebê no RS*”, apresenta significado diferente. O conceito de “apropriou-se de bem alheio, mediante a violência, ameaça ou fraude”, representado pelo item lexical “roubar”, é produto da informação pré-linguística desse verbo associada às informações pré-linguísticas do item lexical “homem”, em que no universo conceitual pode portar bem ou dinheiro, diferentemente do conceito representado pelo item lexical “bebê”.

Consequentemente, verifica-se que a natureza criativa do ser humano o permite fazer modificações semânticas dos itens lexicais para a produção e para a compreensão dos enunciados, adaptando léxico e gramática de acordo com a intenção comunicativa, o contexto situacional e a comunidade de fala.

Os dados revelaram que as operações sintático-semânticas, que descrevem verbos como de estado, de ação, de processo, de estado-processo e como verbo suporte, em conjunto com as informações morfossintáticas, que descrevem número, pessoa, tempo e modo dos verbos, são produtos de fatores pré-linguísticos e linguísticos. O componente conceitual e o componente contextual atuam diretamente no componente gramatical, conforme esclarecem Hengeveld e Mackenzie (2008, 2010). Os verbos, em consonância com a ordem de distribuição dos elementos estabelecida pela estrutura da língua portuguesa, evocam itens lexicais que completam o significado adequado ao contexto situacional, considerando os conceitos e a cultura da comunidade de fala. Por essa razão, é necessário que no processo de ensino e de aprendizagem de língua haja um equilíbrio na inclusão do componente conceitual, do componente contextual e do componente gramatical. Todos devem atuar em cooperação para o sucesso do processo, ou seja, não se deve elaborar atividades e materiais didáticos com foco somente em aspectos

**Flávia de Oliveira Maia-Pires**

gramaticais, como em outrora, nem somente em aspectos culturais e sociais como se observa em algumas tendências mais recentes, uma vez que são elementos interdependentes.

## **Considerações finais**

Considerando o que foi apresentado, constata-se a funcionalidade do componente contextual, pois ele coopera com o componente gramatical, convertendo as representações pragmáticas e semânticas em morfofossintática e fonológica. Assim, os aspectos teóricos e a análise dos dados corroboram para a inclusão do componente contextual no ensino e na aprendizagem dos verbos, seja em sala de aula ou em materiais didáticos, pois contribui para a produção e para a compreensão dos significados, que são produzidos em contextos específicos. Por isso, incluir o componente contextual na análise, na aprendizagem e no ensino de língua, é reconhecer a funcionalidade desse componente em selecionar e restringir itens lexicais pelas informações relevantes, disponíveis no contexto situacional, a fim de torná-los compatíveis com a produção e a compreensão dos enunciados. Assim sendo, texto e discurso são construídos por meio da invocação dos aspectos relevantes do contexto, características importantes no uso da linguagem, por oferecerem oportunidades ao falante para criar e adaptar os verbos, utilizando o sistema linguístico segundo suas intenções comunicativas, o que favorece o ensino e a aprendizagem de verbos da língua portuguesa de modo natural e sólido.

## **Referências**



**DOI: 10.12957/palimpsesto.2019.44706**

BORBA, Francisco da S. *Uma gramática de valência para o português*. São Paulo: Ática, 1996.

BORBA, Francisco da S. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

CASTILHO, Ataliba T de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CHAFE, Wallace L. *Significação e estrutura linguística*. Tradução Maria Helena de Moura Neves, Odette G. L. Altmann de S. Campos e Sonia Veasey Rodrigues. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

CONNOLLY, John H. Context in Functional Discourse Grammar. *Alfa – Revista de Linguística*, São Paulo, v. 51 (2), 2007.

CORNISH, Francis. Text and discourse: discourse anaphora and the FDG Contextual Component. In: KEIZER, E.; WANDERS, G. (eds.). *Web papers in Functional Discourse Grammar*. Amsterdam, v. 82, 2009. Disponível em: <[http://home.hum.uva.nl/fdg/working\\_papers/WP-FDG-82\\_Cornish.pdf](http://home.hum.uva.nl/fdg/working_papers/WP-FDG-82_Cornish.pdf)>. Acesso em: 12 jun. 2018.

DIK, Simon C. *The theory of Functional Grammar*. Part 1 : The structure of the clause . 2. ed. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

HENGEVELD, Kees. The architecture of a Functional Discourse Grammar. In: MACKENZIE, J. La; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A. (eds.). *A new architecture for functional grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. (Functional Grammar Series 24).

HENGEVELD, Kees. Epilogue. In: MACKENZIE, J. Lachlan; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A. (orgs.). *A new architecture for Functional Discourse Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004b. (Functional Grammar Series 24).

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, J. Lachlan. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based Theory of Language Structure*. Oxford. Oxford University Press, 2008.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, J. Lachlan. Functional Discourse Grammar. In: Heine, B; NARROG, H. (eds.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. Oxford University Press, 2010.

HYMES, Dell. Models of the interaction of language and social life. In: GUMPERZ, JJ; HYMES, D. H. (eds.). *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication*. New York: Holt, Rinehart, & Winston, 1972.

MAIA-PIRES, Flávia de O. *Proposta de dicionário de aprendizagem: descrição de alguns verbos no contexto do português do Brasil como segunda língua*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

**Recebido em 21 de agosto de 2019.**

**Aceite em 13 de dezembro de 2019.**

